

A formação de normalistas para o ensino de Matemática: um estudo da disciplina Estatística no Ginásio de Jequié

The formation of normal students for the teaching of Mathematics: a study of the Statistics discipline at Jequié Gymnasium

Marly Gonçalves da Silva¹

 ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-8896-2161>

Submetido: 15 de agosto de 2021

Aprovado: 20 de setembro de 2021

RESUMO

O texto explicita contribuições da disciplina Estatística, do Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié, na formação pedagógica das normalistas para o ensino de Matemática, no período de 1954 a 1966. Buscou-se responder como a disciplina Estatística, no curso pesquisado, contribuiu nessa formação para o ensino de Matemática. A investigação foi desenvolvida sob a perspectiva da história cultural, fundamentada em Chartier (1991, 2002); à luz das noções de cultura escolar e disciplina escolar, de Julia (2001) e Chervel (1990), respectivamente; e pautados no aporte das categorias saberes a ensinar e saberes para ensinar, de Hofstetter e Schneuwly (2017). Referente aos saberes para a formação de professores, foram considerados conteúdos da disciplina Estatística registrados nos diários de classe e listas de pontos para exames, e há indícios de que os *saberes a ensinar e para ensinar* do curso estavam respaldados na concepção escolanovista. De modo geral, tratando do ensino de Matemática, a disciplina Estatística ao acompanhar o desenvolvimento da Psicologia da Educação no viés da Escola Nova contribuiu para a formação das normalistas para o exercício da profissão conduzindo os *saberes a ensinar e os saberes para ensinar* por meio, por exemplo, dos testes psicológicos, medição da inteligência, e classificação de alunos.

Palavras-chave: Disciplina Estatística; Escolas Normais; História do Ensino de Matemática.

ABSTRACT/ RESUMEN/ RÉSUMÉ

The text explains the contributions of the Statistics discipline, from the Pedagogical Course of the Gymnasium of Jequié, in the pedagogical training of normalists for the teaching of Mathematics, in the period from 1954 to 1966. We sought to answer how the discipline Statistics, in the researched course, contributed to this training for the teaching of Mathematics. The investigation was developed from the perspective of cultural history, based on Chartier (1991, 2002); in the light of the notions of school culture and school discipline, by Julia (2001) and Chervel (1990), respectively; and based on the contribution of the categories knowledge to teach and knowledge to teach, by Hofstetter and Schneuwly (2017). Regarding the knowledge for teacher education, contents of the Statistics subject registered in the class diaries were considered and lists of points for exams, and there are signs that the knowledge to be taught and for teaching in the course was supported by the new school concept. In general, dealing with the teaching of Mathematics, the Statistics discipline, following the development of Educational Psychology in the Escola Nova bias, contributed to the training of normalists for the exercise of the profession, leading the knowledge to teach and the knowledge for teach through, for example, from psychological testing, intelligence measurement, and student classification.

Keywords: Statistical Discipline; Normal Schools; History of Mathematics Teaching.

1 Considerações iniciais

Em 1935 o município de Jequié, localizado na região sudoestina da Bahia, inaugurava sua primeira escola secundária. Trata-se do Ginásio de Jequié, uma instituição privada de propriedade, inicialmente, do professor Antônio Félix da Cunha Brito.

¹ Mestra em Educação Científica e Formação de Professores pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora da Rede Estadual de Educação da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua dos Salmões, 128, Joaquim Romão, Jequié, Bahia, Brasil, CEP: 45200587. E-mail: mygsilva@gmail.com.

Na década de 50, a Escola Normal de Jequié foi implantada e anexada ao referido Ginásio, e com a implantação do Curso Pedagógico² passou-se a desenvolver a formação de professores, que perdurou ao longo dos anos de 1954 a 1966. Nesse período, o Ginásio foi conduzido principalmente por religiosos, sobretudo pelo Padre Leônides Spínola de Andrade³. De acordo com Rios (2011), a dissolução do Ginásio ocorreu em 1998, ocasião em que já era denominado Centro Educacional Ministro Spínola.

Nesta produção, buscamos analisar a inserção da disciplina Estatística no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié e sua contribuição para a formação pedagógica das normalistas⁴ para o ensino de Matemática. Esta sistematização⁵ advém de um estudo mais particularizado do tema estatística, abordado na dissertação de mestrado intitulada *O ensino de Matemática na Formação de Professores na Escola Normal anexa ao Ginásio de Jequié (1954 - 1966)* (SILVA, 2019), em que voltamos a análise para os processos de constituição da Escola Normal no Ginásio de Jequié e que Matemática se apresentou na formação de professores do Curso Pedagógico, no período de 1954 a 1966. Nesta investigação, nos detemos a responder à questão: Como a disciplina Estatística no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié contribuiu para a formação pedagógica das normalistas para o ensino de Matemática?

2 Aspectos teórico-metodológicos

Este texto insere-se no âmbito da *história da educação matemática*, na mesma perspectiva do GHEMAT⁶ Brasil, identificada pelo Grupo como um tema dos estudos históricos, uma especificidade da história da educação e entendida como “[...] a produção de uma representação sobre o passado da educação matemática. Não qualquer representação, mas aquela construída pelo ofício do historiador” (VALENTE, 2013, p. 25).

² No parecer emitido pelo Assistente da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do CBPE, o professor Paulo de Almeida Campos (1958), em resposta à solicitação de sugestões ao anteprojeto de lei do ensino normal emitido pela Secretaria de Educação da Bahia ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) cita trechos do Projeto em estudo que declara ser ministrado o ensino em cursos normais oficiais em estabelecimentos públicos, e cursos pedagógicos de estabelecimentos particulares, para o preparo e formação dos professores primários, há menção ainda a um terceiro tipo de estabelecimento, padrão, o Instituto Normal da capital.

³ Já na condição de proprietário exclusivo do Ginásio o Padre Spínola fundou a Escola Normal, anexa ao Ginásio de Jequié, administrou e foi professor do curso ao longo dos 13 anos de sua duração.

⁴ Usa-se esse termo porque mesmo o curso sendo ofertado a todo público, apenas mulheres concluíram a formação e foram habilitadas para o exercício da profissão.

⁵ Refere-se a um dos instrumentos avaliativos para conclusão da disciplina “Tópicos especiais: Ensino de Matemática em seus aspectos históricos”, ministrada através de aulas on-line pelo Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT BRASIL) através da Pós em rede. cursando como aluna especial através da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) sob a responsabilidade do Professor Dr. Wagner Rodrigues Valente.

⁶ Para mais informações ver: <https://www.ghemat-brasil.com/>

A escrita está fundamentada na história cultural, seguindo os estudos de Roger Chartier (1991, 2002). A partir desse autor, utilizamos também o conceito de apropriação. Identificamos a necessidade de abordar as noções de cultura escolar e disciplina escolar desenvolvidas por Dominique Julia (2001) e André Chervel (1990), nesta ordem. E, abordamos as categorias *saberes a ensinar* e *saberes para ensinar*, baseados em Rita Hofstetter e Bernard Schneuwly (2017).

Por História Cultural, Chartier (2002, p. 27) entende como “[...] a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço”. O autor expressa que ela “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler [...]” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Tratando do conceito de apropriação, Chartier (1991, p.180) argumenta que ela “[...] visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

Ao definir cultura escolar, Julia (2001, p. 10) lhe discorre “[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

E Chervel (1990, p. 200), considera disciplina escolar como um “[...] vasto conjunto cultural amplamente original que ela [a escola] secretou ao longo de decênios ou séculos e que funciona como uma mediação posta a serviço da juventude escolar em sua lenta progressão em direção à cultura da sociedade global”.

Seguindo na definição dos conceitos teóricos, apresentamos a interpretação de Hofstetter e Schneuwly (2017) a respeito dos tipos distintivos de saberes⁷ constitutivos para as profissões da formação e do ensino, assim, os autores apontam os *saberes a ensinar*, como aqueles que se reportam aos objetos do trabalho docente, e os *saberes para ensinar*, como aqueles que se reportam as ferramentas do trabalho do professor.

Pontuando esses saberes, investigamos a disciplina Estatística e seus conteúdos, considerando que influíram na formação das normalistas, e conseqüentemente afetaram na preparação delas para atuar principalmente no ensino de Matemática.

As fontes que nos conduziram neste estudo encontram-se principalmente em documentos dispostos no arquivo do Ginásio. São diários de classe; fichas e históricos de

⁷ Referencial produzido pela Equipe de Pesquisa em História das Ciências da Educação (ERHISE) da Universidade de Genebra, na Suíça.

alunas; relatórios contendo listas de pontos para exames, relação de professores e respectivas disciplinas, e horários do curso em alguns períodos, os quais nos permitiram analisar a carga horária destinada a cada disciplina e sua nomenclatura; além de atas de provas orais e escritas.

A interpretação da legislação educacional do período integrou a apreciação documental como instrumento de produção e análise de informações, além da história oral. Utilizamos também documentos do Arquivo do Ginásio e neste estudo interpretamos os depoimentos das alunas, Sônia Bahiense Braga, Darcy Andrade Ferreira e Vilma Vieira Pereira e do professor Emerson Pinto de Araújo que fizeram parte da história do Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié.

3 Contextualizando a disciplina Estatística

Estudando a Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946) percebemos (art. 8º) que as disciplinas elencadas para os três anos do curso de formação de professores primários foram distribuídas da seguinte forma:

Primeira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Física e química. 4) Anatomia e fisiologia humanas. 5) Música e canto. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Educação física, recreação, e jogos.

Segunda série: 1) Biologia educacional. 2) Psicologia educacional. 3) Higiene e educação sanitária. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Desenho e artes aplicadas. 6) Música e canto. 7) Educação física, recreação e jogos.

Terceira série: 1) Psicologia educacional. 2) Sociologia educacional. 3) História e filosofia da educação. 4) Higiene e puericultura. 5) Metodologia do ensino primário. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto, 8) Prática do ensino. 9) Educação física, recreação e jogos. (BRASIL, 1946).

Apesar da Estatística não integrar o rol de disciplinas proposto pela Lei Orgânica do Ensino Normal identificamos que ela foi adotada pelo Ginásio para o currículo do Curso Pedagógico e foi lecionada de forma independente ou associada à Matemática, ou à Administração Escolar⁸.

Diante destas evidências indagamos: Como a Estatística contribuiu para a formação matemática das normalistas? O que motivou a apropriação e inserção dessa disciplina no currículo do curso, independente de legislação ou alguma normatização legal? O que perpassava sua organização e distribuição da disciplina no decorrer do ensino?

Refletindo sobre estes questionamentos seria razoável buscar respaldo e apontar a influência nas ideias escolanovistas, especialmente no que tange à Psicologia Educacional e suas proposições para a medição da inteligência. Segundo Goulart (2015), a Psicologia da

⁸ Nos documentos do Ginásio constam estas três nomenclaturas, especialmente nos diários, e discutimos acerca disso mais adiante ao tratarmos da organização e reorganização curricular do curso.

Educação acompanhou as reformas educacionais implantadas por estados brasileiros mais avançados voltadas à inserção dos ideais escolanovistas, destacando-se como disciplina a partir de meados da década de 1920 e ao integrar os currículos das Escolas Normais tornou-se base científica da nova proposta de ensino primário.

Essa relação da Estatística com a Psicologia pode ser melhor interpretada se analisarmos a influência da Escola Nova especialmente no que tange à definição dos objetivos básicos da Estatística aplicada à educação, os quais são explicitados ao longo do texto de forma geral e mais especificamente por meio de Nunes (2000 *apud* VALENTE, 2007).

Quem defendia uma formação de professores atrelada à Psicologia nos moldes dessa tendência pedagógica era Édouard Claparède, para o qual “Essa nova concepção da escola e do educador implica uma transformação completa na *formação dos professores*, do ensino de todos os graus. Essa preparação deve ser, antes de tudo, psicológica” (CLAPARÈDE, 1958 *apud* MESQUITA, 2010, p. 80, grifos do autor).

A Escola Nova perpassou várias disciplinas do Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Na disciplina Psicologia, os diários de classe e listas de pontos apresentam conteúdos relacionados a *Testes* e também *Classificação dos sujeitos* – típicos do ideário escolanovista. Outras disciplinas do Curso que tiveram influência da Escola Nova foram Didática, onde destacamos *Aplicação do centro de interesse*; Pedagogia, por exemplo, citamos: *Conceito do teste, origem e classificação*; *Critérios adotados na classificação do aluno*; *O aluno “bem dotado”*. Em Metodologia, pontuamos *Testes psicológicos*; *Classificação de alunos*. (DIÁRIOS DE CLASSE, 1954-1966). Especialmente na disciplina Estatística, há nas listas de pontos para exames, conteúdos específicos como *Classificação de alunos*; *Critérios de classificação de alunos*; e *Escola Nova e Escola Ativa*. (RELATÓRIO..., 1955-1956).

Segundo Bassinello, Soares e Valente (2014, p. 33, grifo dos autores), estava em evidência o *movimento dos testes*,

Visto que o conceito de renovação escolar foi considerado o símbolo da pedagogia nova de forma marcante nas décadas de 1920 e 1930, o país introduziu o chamado “movimento dos testes” como um meio de buscar resolver os problemas do ensino na época, pois muitos alunos repetiam nos primeiros anos da escolarização.

Em meio a essa crise de paradigmas a Matemática ficou alheia à influência do escolanovismo? De modo algum, pois essa vaga pedagógica se caracterizou, para além de uma renovação, como uma espécie de revolução no modo de pensar o ensino de Matemática.

Segundo Denise Medina França (2016) a Aritmética foi afetada pelas ideias escolanovistas que defendiam uma abordagem associada para seu ensino tanto prática e utilitária como graduada e rápida, próprias da pedagogia científica, justificando, assim, a aplicação de testes nas séries iniciais.

O manual pedagógico *Manual de Testes*⁹, de Afro do Amaral Fontoura (1960), é citado por essa autora que interpreta teoricamente os pressupostos da Escola Nova, recomenda atividades com orientações metodológicas para a prática do professor, e em seguida classifica alunos seguindo os parâmetros produzidos.

França (2016) comenta ainda sobre a parte do manual que abrange *Testes pedagógicos*, onde o autor traz exemplos de testes objetivos para exames de provas finais destacando a aritmética nas questões dos testes, relacionando os objetivos do ensino de Matemática ao estágio etário da criança, prezando pela formação do ser ativo, aprimoramento dos aspectos morais, intelectuais e psicológicos, típicos do ensino ativo, da concepção escolanovista.

Nessa mesma linha de raciocínio, Silva e Valente (2015), ao investigar como as práticas estatísticas deram lugar à estatística como disciplina científica, considerando como locus de investigação a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH) no período de 1930 a 1960, ponderam que:

O uso da estatística foi proposto como forma de possibilitar à educação um discurso de autoridade científica. A saída do amadorismo, dos tempos considerados pré-científicos das humanidades, tem relação com o uso de metodologias das ciências naturais e das ciências exatas. Assim sendo, a preocupação de Lourenço Filho – ícone do novo tempo pedagógico – era garantir a organização de um sistema de ensino e dar objetividade aos processos educativos, por meio da compreensão da educação enquanto um processo racionalizado pela experimentação e milimetricamente planejado e executado com bases nos resultados estatísticos. (SILVA; VALENTE, 2015, p. 447)

Convergindo para a realidade do Ginásio, os documentos apontam que inicialmente havia disciplinas, nas duas últimas séries, denominadas *Estatística*, e *Estatística e Administração Escolar*, isso foi perceptível ao comparar o que constava nos diários de classe – constantes no Quadro 1–, nos históricos, nas atas de provas e nas listas de pontos (Quadro 2). O quantitativo de aulas de Estatística e Administração Escolar era em número de 2 aulas ministradas no 1º ano Pedagógico (2ª série), e 2 aulas no 2º ano Pedagógico, ou seja, nas duas

⁹ Trata-se de um livro sobre testes. O livro é dividido em três partes: Testes Psicológicos; Testes Pedagógicos (contendo provas completas para exame final); e Testes Avulsos (Linguagem, Matemática e Conhecimentos Gerais), todos com orientações de 1ª a 5ª série.

séries finais do curso. Entretanto, cabe-nos ressaltar que esta organização prevaleceu até 1961 quando o curso passou por uma reformulação curricular¹⁰. Desse período em diante, no 2º ano Pedagógico (2ª série) a disciplina passou a denominar-se Matemática e Estatística, com 3 aulas, e no 3º ano Pedagógico (3ª série) havia 3 aulas de Estatística e Administração Escolar.

Percebam que não somente o quantitativo de aulas, como também a nomenclatura da disciplina sofreu alteração, além de sua reorganização nas séries. Houve o acréscimo de uma aula e associação de Matemática com Estatística no 2º ano, e também para o ensino de Administração Escolar e Estatística¹¹ que permaneceu apenas no 3º ano, totalizando 3 aulas nestes dois anos finais do curso.

Odorico Motta Silveira e Livia Eirado foram citados pelas alunas depoentes como professores que ministraram a disciplina; elas também ponderaram que a falta de formação específica na área interferiu de modo substancial em seu aprendizado. Braga (2018) expôs:

Estatística já no Normal com o Professor Dr. Odorico, era o quê? Biólogo. Ah, mas ele... Ave Maria. Sabia, [passar o conteúdo] agora a dicção era horrível. Minhas notas de Estatística são todas baixas. Não me pergunte, eu passava, fazia o essencial para passar e não conseguia um extra.

O professor Emerson Pinto de Araújo (2017) também fez comentários,

[...] interessante que quem ensinou Estatística no outro Ginásio, não sei se aqui, foi um médico, foi um médico, agora às vezes pegavam um engenheiro ou um funcionário do Banco, do Banco do Brasil não é? Um contador, qualquer coisa para ensinar Matemática ou Estatística, às vezes aproveitavam também da agência de Estatística, mas a agência de Estatística o pessoal nem sempre era formado em coisa alguma e tinha uns que... (ARAÚJO, 2017)

Cabe-nos enfatizar que Hofstetter e Schneuwly (2017) postulam que para ensinar ou para formar é preciso dispor de saberes, aqueles os quais ensinar – *saberes a ensinar* -, mas também os *saberes para ensinar* – constitutivos do campo profissional - necessários a essa formação. Tratar dos mesmos significa reconhecê-los como “[...] um saber específico, um saber do profissional da docência, uma ferramenta do ofício de ser professor”. (VALENTE, 2017, [n. p.]).

No propósito de compreender a matemática presente na formação das normalistas, entendendo que “A escolha dos saberes e a sua transformação em saberes a ensinar é o resultado de processos complexos que transformam fundamentalmente os saberes a fim de torná-los ensináveis” (HOFSTETTER; SCHNEUWLY, 2017, p. 133), nos debruçamos a analisar os documentos encontrados e inferimos que, referente aos conteúdos ministrados

¹⁰ O curso era estruturado em Série Intermediária e 1ª e 2ª séries do Pedagógico e passou a ser ministrado em 3 séries do Pedagógico não mais existindo a Série Intermediária.

¹¹ Apesar de constar apenas Estatística nas atas de provas finais e orais, há histórico de alunas que comprovam a disciplina com a denominação Estatística e Administração Escolar já na última série antes da mudança curricular.

especificamente em Estatística, não encontramos diários de classe anteriores ao ano de 1961, os achados são de 1961 a 1963 e tratam-se da transição em diante, em que foi alterado o currículo. Entretanto, as listas de pontos para exames presentes nos relatórios de 1955 e 1956 possibilitaram a análise da primeira organização curricular do curso.

4 Situando a Estatística nos diários de classe de 1961 a 1963 e listas de pontos no período de 1954 a 1956

A fim de entender o ensino de Estatística no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié procuramos saber o que motivou a inclusão dessa disciplina especificamente no Curso, e com qual finalidade. Podemos cogitar um possível reflexo da conjuntura da época uma vez que no período de desenvolvimento do Curso – 1954 a 1966 – estava havendo uma ebulição de discussões sobre os programas de ensino de Matemática? O Ginásio se pautava em alguma vaga pedagógica? Seria razoável pensar que estaria seguindo esses embates? Para onde apontamos?

Estamos nos referindo aos 5 primeiros Congressos Nacionais¹² do Ensino da Matemática ocorridos, segundo Soares (2001), entre 1955 e 1966 nos quais sobrevieram importantes discussões acerca de programas e currículos (desde sua primeira edição). Estes acontecimentos desencadearam uma reformulação dos programas em consonância com o ideário do Movimento da Matemática Moderna, característico de renovação curricular que se apresentou no Brasil na década de 1960 e afirmou-se como uma alternativa para o ensino de Matemática por mais de uma década, e se constitui na mais conhecida entre suas reformas.

No que tange a conjuntura da época e sua influência sobre a necessidade do estudo da estatística na formação de professores, Osvaldo Sangiorgi¹³ em um livro cuja primeira edição data de 1955, na introdução do capítulo intitulado Noções de Estatística, argumentou:

Todo progresso do conhecimento humano é dominado modernamente pela noção de *medida*. Essa tendência, como não poderia deixar de ser, também fez-se notar na Psicologia, na Sociologia, na Educação e, de um modo geral, onde a *medida dos fenômenos* que se estudam é ponto fundamental na legitimidade dos resultados

12 O I.º Congresso Nacional de Ensino de Matemática no Curso Secundário realizado em Salvador (BA), em setembro de 1955. O II.º Congresso Nacional de Ensino de Matemática, transcorreu em 1957, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O III.º Congresso Nacional de Ensino de Matemática desenvolveu-se no Rio de Janeiro, em 1959. O IV.º Congresso Nacional de Ensino de Matemática teve como sede Belém (PA), em 1962. O V.º Congresso Nacional de Ensino de Matemática foi realizado em 1966, na cidade de São José dos Campos, em São Paulo. (SOARES, 2001)

13 Apostando em uma matemática moderna no ensino secundário brasileiro, o professor Osvaldo Sangiorgi se adianta nas propostas de modernização, “A seu tempo, com suas ferramentas de apropriação, sua leitura do contexto educacional, seu posicionamento de grande autor de livros didáticos de matemática, dentre tantos outros condicionamentos, cabe-lhe a tarefa pioneira de criar estratégias para que as discussões internacionais sobre o ensino de matemática ecoem também no Brasil” (VALENTE, 2008, p. 611).

encontrados. A medição da inteligência, por exemplo, onde se destacam o experimentalismo de Wundt (1879) e a revisão da Escala de Binet (redistribuição dos Q.I. pela Universidade de Stanford, 1937), foi possível graças a decisiva contribuição recebida pela estatística. (SANGIORGI, 1963, p. 202, grifos do autor)

Assim, podemos avaliar que a relevância da Estatística na formação das normalistas, conforme conjecturamos, está vinculada em grande parte à medição da inteligência, aspecto da psicologia educacional muito presente na formação das normalistas do Ginásio de Jequié.

A Psicologia tornou-se, então, exigência vital para a Educação, principalmente na vertente escolanovista, pois esta ciência deveria ser capaz de fornecer muitos dos subsídios teóricos e todo um arsenal técnico para instrumentalizar a ação educativa. É possível afirmar que a Psicologia foi o pilar de sustentação científica para essa concepção pedagógica, pois era ela que cuidava do indivíduo e das diferenças individuais (representada pela Psicologia Diferencial e suas técnicas, principalmente a psicometria), do processo de desenvolvimento psíquico, da aprendizagem, da dinâmica das relações interpessoais, da personalidade, das vocações, aptidões, motivações etc. (ANTUNES, 2014, [n.p.]

O que foi explorado nos diários de classe complementou a interpretação feita nas listas de pontos, uma vez que eles possuem registros dos conteúdos ministrados e as listas apresentam apenas uma seleção de pontos para os exames. Localizamos e analisamos 3 diários, sendo um de Estatística, do 1.º Pedagógico (2.º ano do curso), de 1961; um de Estatística e Administração Escolar, do 3.º Normal¹⁴, de 1962; e um de Matemática e Estatística, do 2.º Normal, de 1963.

Os diários de classe do Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié localizados em seu arquivo, por exemplo, nos permitiram identificar: a disciplina, a série, o ano em que foi ministrada, a turma, o turno, os conteúdos lançados mês a mês, a periodização, a quantidade e dinâmica das aulas, o professor que conduzia as mesmas, os resultados avaliativos e suas especificações.

É possível perceber também nestes documentos, a relação nominal dos alunos e frequência dos mesmos, a rubrica dos professores e inspetor (a), entre outros elementos. Vale salientar que nestes diários os registros são indicativos não só dos saberes ensinados no curso, mas também da dinâmica das aulas, dando pistas não só do que nelas era ministrado como também da forma em que as mesmas eram desenvolvidas, e qual o viés e vagas pedagógicas presentes no contexto destas aulas, o que nos deu margem para analisar e interpretar o ensino de matemática destinado às futuras professoras primárias (SILVA, 2019, p. 28).

No Quadro 1 apresentamos conteúdos de diários de classe da disciplina Estatística do Curso Pedagógico.

¹⁴ Com a reformulação curricular ocorrida em 1961 a nomenclatura das séries mudou, mas as que estavam em andamento permaneceram até serem concluídas. Os diários de classe e as atas de provas estão com as duas nomenclaturas, uns como Curso Normal, outros como Curso Pedagógico. Mantivemos a escrita da forma como localizamos nos documentos.

Quadro 1 – Conteúdos elencados nos diários de Estatística, Estatística e Matemática, e Estatística e Administração Escolar.

<p>Disciplina: <i>Estatística</i> 1ª série Pedagógico 1961 Professor: Odorico Motta</p>	<p>Disciplina: <i>Matemática e Estatística</i> 2ª série Normal 1963 Professor: Odorico Motta</p>	<p>Disciplina: <i>Estatística e Administração Escolar</i> 3ª série Normal 1962 Professor: Odorico Motta</p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Evolução histórica da Estatística. Conceito da Estatística ▪ Utilidade ou aplicação da Estatística. Estatística definição e divisão ▪ Fenômenos de massa ou coletivo processo estatístico ▪ Levantamento estatístico apreciação e definição amostra representativa ▪ <i>Coleta de dados estatísticos boletins e fichas individuais</i> ▪ Apuração. Tabulagem ▪ <i>Como se escreve os números em Estatística. Zonas de um quadro estatístico</i> ▪ <i>Arredondamentos ou aproximações numéricas</i> ▪ Séries Estatísticas ▪ Exemplificação de séries Estatísticas ▪ <i>Termos numéricos-variedades</i> ▪ Distribuição de frequência: Frequências em geral absolutas acumuladas relativas e percentuais, rol ▪ Intervalo total amplitude de classe número de classes ▪ Amplitude, limites pontos médios. Gráficos, regras elementares. ▪ Divisão dos gráficos, confecção de um gráfico em colunas ▪ Gráfico em Barras. Gráfico de colunas compostas ▪ Gráfico em setores de circunferência ▪ Gráfico em setores retangulares. Gráfico 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posição da Estatística entre as ciências ▪ Evolução histórica da Estatística ▪ Objeto da Estatística e sua importância ▪ Conceito da Estatística origem da palavra Estatística definições ▪ Estatística divisão ▪ Fenômenos estatísticos ▪ Síntese Estatística coleta ou levantamento ▪ Erros da Estatística ▪ Apuração dos dados estatísticos ▪ Tipos de tabelas, tabelas primitivas e derivadas ▪ Tabelas mistas ficha individual ▪ Variáveis funções apuração tabelas de numeração processo de exposição ▪ Séries Estatísticas ▪ Modalidades -suas variedades. Termos estatísticos. Rol ▪ Observação: não pude continuar a aula por excesso de indisciplina ▪ Distribuição de frequência ▪ Cálculo de ponto médio ▪ Formação de classes, tabulagem ▪ Frequências definições e exemplos ▪ Frequências acumuladas crescentes e decrescentes ▪ Representação tabular ▪ Arredondamento de números ▪ Normas elementares para 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Médias aritméticas – simples e ponderadas pelo processo longo, ponderada pelo processo breve ▪ Mediana ▪ Média harmônica ▪ Média harmônica ponderada. 1º quartil, 2º, 3º quartil ▪ Decis, centis ▪ Moda pela fórmula de Czuber, King e Pearson ▪ Valor prevalente ▪ Determinação da moda num gráfico ▪ Região central ▪ Desvio médio de dados tabulados e não tabulados ▪ Cálculo de desvio padrão de dados tabulados pelo processo longo, e processo breve. ▪ Demonstrações de desvio de dados não tabulados ▪ Coeficiente de variação ▪ Índice de assimetria ▪ Números índices ▪ <i>Índices aritméticos simples</i> ▪ Índice agregativo simples ▪ <i>Logaritmos</i> ▪ 1ª e 2ª propriedades principais dos logaritmos ▪ 3ª e 4ª propriedades dos logaritmos:

<p>cartograma</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Gráficos pictóricos uma dimensão duas dimensões ▪ Sistema de coordenadas cartesianas. Diagrama cartesiano ▪ Sistema de coordenadas polares e diagramas polares ▪ Histograma. Histograma de bases desiguais ▪ Polígono de frequência. Curvas de frequência ▪ Ogiva de Galton - crescente ▪ Medidas estudo geral definição medidas de posição discrepâncias desvios ▪ Estudo Geral das medidas, média aritmética simples e ponderada ▪ Média aritmética de valores absolutos e seguidos e de Valores em classes ▪ Média aritmética pelo processo longo. Média aritmética pelo processo breve ▪ Média aritmética Geral de diversas áreas de valores média harmônica 	<p>execução de um gráfico</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Representação gráfica definições e interpretações divisão ▪ <i>Como escrever números e símbolos</i> ▪ Tipo e distribuição dos caracteres no cabeçalho ▪ Generalidades s/ gráficos ▪ Dissertação s/ escala ▪ Gráfico em colunas ▪ Gráfico em Barras teoria ▪ Gráfico em Barras prática ▪ Gráfico retangular ou em fitas ▪ Gráfico retangular e circunferência ▪ Cartograma representação gráfico pictórico ▪ Diagrama cartesiano ▪ <i>Sistema de coordenadas</i> ▪ Representação de funções ▪ Diagrama cartesiano com dois poligonais ▪ Diagrama polar ▪ Polígono de frequências ▪ Histograma de bases iguais ▪ Ogiva de Galton ▪ Curvas de frequência ▪ Séries simétrica e assimétrica 	<p>demonstração</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Logaritmos de múltiplos e de decimais</i> ▪ Média geométrica pelos logaritmos ▪ Média geométrica ponderada ▪ Calcular o antilog de um n° fracionário ▪ Calcular o logaritmo de um n° superior ao existente na tábua ▪ Probabilidade, probabilidade arbitrária ▪ Probabilidade composta. Acontecimento [?] 15 Teorema do nome ▪ Tabela de mortalidade, aplicação, cálculos ▪ Coeficientes de probabilidade ▪ Tabela de mortalidade aplicadas à vida provável, à vida [?] e a probabilidade de uma [?]
--	--	--

Fonte: Diários de classe do Arquivo do Ginásio de Jequié

Assim, cumpre realçar que nos diários, propriamente ditos da disciplina Estatística, na 1ª série do Curso Pedagógico os registros denotam seus saberes específicos. A 2ª série também introduziu o estudo de Estatística, porém com mais profundidade, conteúdos que também foram ampliados na 3ª série.

Estes mesmos conteúdos elencados no Quadro 1 constam nas listas de pontos para exames dos anos 1955 e 1956 (Quadro 2); notamos relação dos saberes estatísticos com a futura atuação das normalistas, apesar da Estatística não integrar o rol de disciplinas posto pela Lei Orgânica do Ensino Normal, ela foi adotada pelo Ginásio. Essa realidade também foi observada em outros Cursos de Formação de professor primário como destaca Valente (2007). O professor Emerson Pinto de Araújo (2017) confirmou sua inclusão gradativa no Curso Pedagógico em resposta às nossas indagações:

¹⁵ O símbolo [?] equivale a algum termo/trecho incompreensível constante no diário de classe.

Entrevistadora: Mas a Matemática era ensinada sozinha? Existia também a Estatística? Existia alguma outra disciplina relacionada a Matemática?

Professor: Não, a Estatística depois começaram o ensino de Estatística, mas no início não, depois foi incluindo [...](ARAÚJO, 2017).

Apesar das nomenclaturas o ensino de Estatística era, em sua maioria, voltado especificamente para seus conteúdos conforme listamos no Quadro 2, esta disciplina se manteve nos dois anos finais do curso, desde o princípio.

Ressaltamos que apesar de registrar notas nas atas de provas como sendo de Matemática, a nomenclatura do diário da 2ª série em 1963 é *Matemática e Estatística* e os conteúdos elencados são estritamente de Estatística.

No diário de Estatística e Administração Escolar da 3ª série de 1962 também estão preenchidos conteúdos que se aplicam exclusivamente ao ensino de Estatística, a mesma nomenclatura consta nos históricos desta série, em todo o período. E na lista de pontos da 2ª série (1º ano Pedagógico) no relatório de 1956 consta a disciplina Estatística, contudo há indícios do ensino de Administração Escolar pelos pontos relacionados: confecção de uma ficha individual; turno; escolas maternas; escola infantil; administração escolar, entre outros.

De 1964 a 1966 há atas de resultados finais preenchidas com a disciplina Matemática na 2ª série quando nos históricos aparece como Matemática e Estatística, anterior a isso existe uma padronização constando Matemática na 1ª série, e Estatística nas duas séries finais.

Essas observações nos fazem concluir que o currículo previsto em lei não foi seguido com rigor, esses entre outros aspectos nos dão mais pistas da apropriação feita pelo Ginásio, uma vez que tanto a Estatística quanto a Administração Escolar não constavam na legislação.

Ao citar Nunes (2000 apud VALENTE, 2007), Valente (2007) menciona que a Estatística foi a mais relevante das áreas do conhecimento a serem acionadas para consolidar socialmente o desempenho da profissão do educador. Nesta conjuntura,

A estatística aplicada à educação teve dois objetivos básicos, algumas vezes simultâneos: diagnosticar e formular as políticas do estado com relação aos 'fenômenos tipicamente coletivos' e, associada à Psicologia Educacional, servir como suporte à classificação dos alunos, detendo-se na descrição das 'variações' e 'desvios' dos indivíduos no grupo. O alcance do seu olhar sobre a realidade tornou-se, portanto, invejável. Permitia ao educador profissional, de um lado, captar a questão pedagógica na sua dimensão mais ampla, oferecendo instrumentos para que pensasse a educação enquanto problema nacional e, de outro, descer à intimidade mesma a do processo pedagógico, ordenando os indivíduos pela idade cronológica, idade mental, rendimento escolar, para só citar esses aspectos. Ampliava ainda sua perspectiva ao proporcionar instrumentos de projeção que avançavam sobre o futuro. Criava, também, nos mais fascinados pelo seu uso, um sentimento ilusório de segurança, diante da dispersão da realidade. Afinal, era possível submetê-la à medida. Medida do que já estava feito e medida do que era possível fazer. (NUNES, 2000, p. 347-348 apud VALENTE, 2007, p. 358 grifos no original).

Extrapolando suas finalidades triviais – levantamento estatístico, obtenção dos mapas, bases numéricas –, Valente (2007) aponta em conformidade com Lamarão (2001 apud VALENTE, 2007), que em 1930 a Estatística adentra numa fase de reconhecimento de sua significância para a formação dos professores, em que os saberes aperfeiçoariam sua condição e facilitariam novas empreitadas profissionais, mas que foi a partir de 1934 com a criação do Instituto Nacional de Estatística, precursor do IBGE¹⁶, que sua alocação na educação foi alastrada por toda parte.

Através de Nunes (2000 apud VALENTE, 2007), Valente (2007) cita o discurso de Anísio Teixeira direcionado a representantes do magistério primário acerca do IBGE e do serviço de Estatística do Ministério da Educação e Saúde Pública, onde o mesmo reforça a pertinência da Estatística aos normalistas. O autor referenciado aposta na repercussão desse discurso e seu reflexo na escola no mínimo até a década de 1960, pois cita como prova a obra de Osvaldo Sangiorgi “Matemática e Estatística” que lançado em 1955 alcançou sua 17ª edição em 1965.

Em seu estudo, Valente (2007, p. 363) discorre que Osvaldo Sangiorgi ao prestar assessoria para organizar novos programas de Matemática e Estatística destinados às escolas normais paulistas concedeu entrevista ao jornal “A Gazeta”, que publicou com destaque em 14 de junho de 1954 declarações suas sob a forma da manchete: “Reforma do Programa de Matemática e Estatística: deve o professor normalista receber formação matemática diferente – Um programa exequível – Necessidade de reestruturação do ensino normal”.

Valente (2007, p. 363) exprime que na matéria Osvaldo Sangiorgi demonstrava oposição aos programas da época, reclamando uma formação matemática para os normalistas, que descontinuasse a que prevalecia desde os anos 1940 tão ampla que abrangia a Álgebra, e que as “[...] noções fundamentais da Estatística.” estavam entre suas propostas. Assim, o autor (VALENTE, 2007, p. 363, grifo do autor) notifica que após essa divulgação no jornal, ainda em 1954¹⁷ Matemática e Estatística foi regulamentada, Osvaldo Sangiorgi escreveu para a revista *Atualidades Pedagógicas* o artigo “[...] Objetivos do ensino da Matemática.” onde postulava reformas efetivas para os novos tempos e criticava o programa de Matemática em nível nacional, protestando que:

O ensino da Matemática, como o de outras disciplinas, tem sofrido enormemente com as sucessivas reformas do ensino secundário. Realmente não temos tido sorte

¹⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹⁷ “No mesmo ano, a proposta de Sangiorgi, objeto da reportagem e motivo do artigo na *Atualidades Pedagógicas* foi oficializada através da Portaria nº. 49 de 4 de dezembro de 1954, no estado de São Paulo. Ela estabeleceu o Programa de Matemática e Estatística para o curso de formação de professores primários. Os conteúdos matemáticos foram divididos em três itens: Aritmética Prática, Geometria Prática e Noções de Estatística”. (VALENTE, 2007, p. 364, grifo do autor).

nas diversas programações efetuadas desde a Reforma Francisco Campos, em 1931, reforma Capanema, em 1942, e reforma Simões Filho, em 1951. Como estamos com novo ministério, já se ensaia, como não poderia deixar de ser, mais uma nova reforma. Até parece que a preocupação dos novos titulares da Educação é marcar as respectivas passagens pelo ministério com reformas do ensino médio, esquecendo-se numa hora dessas que os mais visados com isso são justamente os menos culpados: os alunos. (SANGIORGI, 1954 apud VALENTE, 2007, p. 364)

Diante das ponderações feitas, Valente (2007) marca o período de 1954 a 1960 em que Osvaldo Sangiorgi produziu artigos enfocando os programas de ensino de Matemática, vindo a repercutir-se nas suas obras didáticas. Presumimos que isso associado à publicação da Portaria nº. 49 de 4 de dezembro de 1954 responda em parte nossas interrogações apresentadas no início desta seção sobre a importância da Estatística.

Em síntese, para melhor explicar o processo de inserção da Estatística na formação de normalistas, a partir de Valente (2007), vale reproduzir uma fração de suas considerações, onde conclui que,

Sobre o papel da Estatística na formação do normalista é possível dizer que ele está em conformidade com a herança deixada pelos anos da Era Vargas: a constituição de uma identidade nacional, que exacerbou as suas pretensões após a Revolução de 1930, com a instalação do Estado Novo. Foram tempos onde a racionalidade técnica foi chamada a erigir o profissional da educação. Um de seus componentes principais foi o saber estatístico. Nele estavam depositadas as expectativas da produção atualizada e constante de uma radiografia da educação brasileira, que serviria de base para as políticas públicas. (VALENTE, 2007, p. 367)

Com relação à inserção da disciplina Estatística no Curso Pedagógico de Jequié, eram oportunizados saberes que instrumentalizariam as futuras professoras no que tange à realização de diagnósticos de seus alunos.

A depoente Darcy Andrade Ferreira (2018) lembrou sobre a postura do professor Odorico Motta Silveira, nas aulas de Estatística: “Ele era bom, ele explicava, depois mostrava os gráficos para a gente fazer os gráficos, a gente fazia escala, a gente fazia por escrito um monte de coisa. Professor Odorico era ótimo, era muito bom”. Aulas expositivas foram descritas por essa aluna, que atribuiu como um modo de ensino do professor de Estatística. Mas este método adotado por ele não contemplou as expectativas da aluna Vilma Vieira Pereira (2018), tanto é que não lhe marcou muito, “Para te dizer a verdade eu nem me lembro muito não, eu sei que ele mandava fazer aquelas coluninhas assim. É, gráficos, justamente. Mas não ficou, eu gostava muito dele, Dr. Odorico, eu gostava muito, mas das aulas...”.

Nestas circunstâncias, Silva (2008) avalia que a Psicologia advém da necessidade de classificação e seleção através de testes e análise laboratorial, objetivando aperfeiçoar o ensino no País em termos de organização, mas alerta tanto para o reconhecimento da

importância da Psicologia para a Educação brasileira como para a observação do caráter reprodutivista da época. Para a autora,

Era para isso que a Psicologia, como ciência, estava voltada, para encontrar as diferenças humanas e classificar os indivíduos de acordo com as mesmas, selecionando os mais aptos dos menos aptos. [...] Essa ciência, de raízes filosóficas, ao seguir os padrões do sistema capitalista, acabou se resumindo a adaptar o ser humano às diversas contingências do meio, tendo como valioso instrumento para essa função os Testes Psicológicos. (SILVA, 2008, p. 179-180)

Inferimos que nesses objetivos de seleção e classificação é que a Psicologia tenha interferido mais no desenvolvimento da Estatística. Tais pressupostos, principalmente de classificação dos indivíduos, foram perceptíveis entre os documentos localizados no arquivo do Ginásio de Jequié, tais como nos relatórios de provas¹⁸ parciais e finais com listas de pontos para exames e também para as provas orais. As quatro listas de pontos encontradas referem-se ao período de 1955 e 1956. Essas listas estão contidas nos relatórios específicos destes anos iniciais do curso e nos deram uma visão do que possivelmente era cobrado nas provas.

Na introdução dos relatórios, havia indicação dos pontos sorteados para exames de cada disciplina e série, ou seja, os conteúdos ministrados e elencados de forma objetiva em listas organizadas em até 20 pontos com no máximo 3 seções cada, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Conteúdos da disciplina Estatística e Administração Escolar

Disciplina: <i>Estatística e Administração Escolar</i> 1ª série Pedagógico – 1955 Professora Maria Adélia Aguiar Ribeiro Lista de Pontos para 2ª prova parcial		
a) Escola b) Planejamento c) Leis do planejamento a) <i>Escola nova</i> b) Fases do planejamento c) Ficha escolar a) Escola tradicional b) Normas dos deveres para casa c) Fichário a) Planejamento estatística b) Escolas maternas c) Valor dos deveres a) Escolas profissionais	a) Organização de classe b) Valor da fantasia c) Salas de aula a) <i>Classificação dos alunos</i> b) Dossier e fichário c) Vantagem e desvantagem dos deveres a) Critério de classificação b) Classe c) Impulsos infantis a) Estatística conceito b) Escola rural c) Horário a) Turno b) <i>Aplicação da estatística a</i>	a) Escolas maternas b) <i>Critérios de classificação dos alunos</i> c) Estatística a) Turno e horário diferenças b) Estatística conceito c) Organização de classe a) Classificação de alunos b) Impulsos infantis c) Fichários a) A escola b) Fases do planejamento c) Critérios de classificação

¹⁸ Desenvolvidas de forma oral e escrita. As escritas eram realizadas em junho e novembro sob a denominação de 1.ª e 2.ª prova parcial, respectivamente. E as orais eram feitas no mês de dezembro. Havia também arguições mensais em abril, maio, agosto, setembro e outubro, derivando uma média mensal que somadas à prova oral e à 1.ª e 2.ª prova parcial geravam a média anual final das alunas.

<ul style="list-style-type: none"> b) Fantasia c) Conceito dos deveres a) Escolas médias b) Fontes de fantasia c) Escolas superiores a) Trabalho em classe b) <i>Escola ativa</i> c) Valor do fichário 	<ul style="list-style-type: none"> <i>escola</i> c) Organização do horário a) Horário de rotação semanal b) Estatística e a escola c) As escolas superiores a) Horário classificação b) Turno médio desvantagens c) Escola 	<ul style="list-style-type: none"> a) Etapas do planejamento b) Classe c) Horário a) Turno b) Escolas maternas c) Estatística
Disciplina: <i>Estatística</i> 1ª série Pedagógico – 1956 Professor: Não Informado ¹⁹		
<ul style="list-style-type: none"> a) Levantamento estatístico. Amostra representativa b) Horário c) <i>Confecção de uma ficha individual.</i> Evolução histórica a) Quadro estatístico: zonas e suas utilidades b) <i>Turno</i> c) Séries estatísticas. Arredondamentos numéricos a) Fenômenos de massa. Universo estatístico b) <i>Escolas maternas</i> c) Gráfico em colunas simples 	<ul style="list-style-type: none"> a) Estatística: divisão e definição b) <i>Organização do horário</i> c) Gráfico em colunas compostas a) Termos numéricos, variedades. Divisão das séries estatísticas b) Mosaico c) Gráfico em barras a) Distribuição de frequência. Divisão dos gráficos b) <i>Escola infantil</i> c) Gráfico em colunas a) <i>Aplicação da estatística, especialmente à instrução</i> b) Turno c) <i>Tabular as diversas variedades de séries</i> 	<ul style="list-style-type: none"> a) <i>Como se escreve os diversos números em estatística</i> b) <i>Administração escolar</i> c) Pontos médios a) Confeccionar um rol b) Organização c) Deduzir frequências relativas e percentuais a) Frequências acumuladas crescentes e decrescentes b) Horário c) Gráfico em colunas simples
Disciplina: <i>Estatística e Administração Escolar</i> 1ª série Pedagógico – 1956		
<ul style="list-style-type: none"> a) Importância da administração escolar b) Que é Estatística c) <i>Escola nova</i> a) Relações da administração com outras matérias b) Função da administração escolar c) Escola tradicional a) Evolução histórica da Estatística b) O que é o Censo romano c) <i>A relação da administração com a psicologia</i> 	<ul style="list-style-type: none"> a) Escolas b) Que foi introduzido pelos antônimos c) Importância da administração a) Programa e horário b) Estatística c) Funções da administração a) Evolução histórica da Estatística b) O ensino romano- relações entre Estatística e administração escolar c) Turno- programa a) Horário e programa b) Escolas c) Estatística 	<ul style="list-style-type: none"> a) <i>Classificação de alunos</i> b) Escolas maternas- importância da administração escolar c) Estatísticas- escolas a) Classes b) Jardins infantis c) <i>Critérios de classificação de alunos</i> a) Programas b) Horários c) Turnos

¹⁹Nas demais listas também não há identificação do professor.

Disciplina: <i>Estatística e Administração Escolar</i> 2ª série Pedagógico – 1956		
a) Administração escolar b) Programa c) A escola nova a) Função dos diretores b) Turno c) Administração- planejamento- organização a) Função dos fiscais b) A escola c) Administração escolar- direção- controle	a) Turno e horário b) Escola c) Atividades escolares a) Programas b) Diretores c) Direção a) Classes- programa b) Delegados- fiscais- diretores c) Planejamento a) Fichário- horário e turno b) Autoridades escolares c) Função dos diretores	a) Planejamento. Organização b) Fiscais- programas c) Diretores a) <i>Organização de classes</i> b) Diretores c) Fiscais -horário a) Organização da administração escolar b) Delegados c) Autoridades

Fonte: Relatórios de 1955 e 1956, Arquivo do Ginásio de Jequié

A relação dos pontos demonstra que a única lista equivalente ao período de 1955 relaciona até o 10.º ponto, pois refere-se à primeira prova parcial ocorrida em junho, diferentemente das três listas de 1956 que listam de forma completa as três seções dos 20 pontos, pois refletem a segunda prova parcial realizada em dezembro.

Essas listas enfatizam o ensino de Estatística amplamente associada à Administração Escolar. Isso é observado na discussão feita por Silva (2019) quando avalia que mesmo com duração de três anos o curso oferecia a Matemática exclusivamente na 1ª série, englobando geometria, aritmética e álgebra, e apesar de ser agregada à Estatística na 2ª série, após a reorganização curricular, não se percebeu saberes ensinados para além da própria estatística.

A oferta dos saberes matemáticos na Escola Normal do Ginásio de Jequié foi percebida por Silva (2019) não apenas em disciplinas específicas como Matemática, Estatística e Desenho, mas sobretudo naquelas que tendo o papel de tratar metodologicamente os conteúdos a serem ensinados pelos professores se ocupariam também dos saberes matemáticos. Assim, apesar dessas cadeiras indicarem em suas rubricas conteúdos atrelados aos saberes matemáticos, a Metodologia, a Didática, a Psicologia e outras certamente contribuíam com o ensino da metodologia da Matemática e de conceitos matemáticos.

Direcionando esta discussão, Rosas (1959) relatou que no seu entendimento, o programa das aulas de matemática das Escolas Normais de formação de professores primários devia conter uma parte de conteúdos de Matemática e Estatística, para o 1º e 2º anos, observando os aspectos cultural e profissional, e outra parte referente à Didática Especial da Matemática, na qual seria oportunizado às alunas o aprendizado de técnicas modernas do ensino e a prática do conhecimento da matéria do primário.

Há de se recordar que a Escola Nova teve papel fundamental nessa orientação, já que:

Conferir um caráter científico à elaboração de programas significava utilizar métodos de pesquisa empregados na investigação social – inquéritos e estatísticas – para definir quais eram as matérias socialmente mais valiosas, as vocações manifestadas e as profissões necessárias. Na Escola Nova o programa passa a ser definido não em termos das matérias a ensinar, mas considerando os efeitos a se produzir nas crianças, por isso a necessidade de psicologizar as matérias de ensino: [...]. (SOUZA, 2006, p. 146).

A partir destas considerações e dos saberes relacionados ao ensino de Matemática elencados nos Quadros 1 e 2, concluímos que o ensino de Matemática abordado na disciplina Estatística envolvia os *saberes a ensinar e para ensinar*, uma vez que abrangia não só os conceitos matemáticos, mas também os modos de ensinar esses conceitos, por exemplo: aplicação da estatística - especialmente à instrução; como se escreve os diversos números em estatística; confecção de uma ficha individual; organização de classes; tabular as diversas variedades de séries; aplicação da estatística a escola; como escrever números e símbolos; coleta de dados estatísticos boletins e fichas individuais, apuração; tabulagem; zonas de um quadro estatístico, termos numéricos - variedades.

Esta análise, portanto, nos permitiu inferir que a disciplina Estatística esteve presente na formação de professores do Ginásio de Jequié e aliada à Matemática e a outras perfizeram seu núcleo curricular, e parte do que abordaram constituíram *a matemática a ensinar*, sem, contudo, deixar de abordar *a matemática para ensinar*. Também é importante ressaltar que nem todos os conteúdos estudados no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié, sobretudo de Estatística, referem-se a conteúdos que estarão presentes no ensino, ou seja, não se constituíram em *matemática para ensinar*.

5 Conclusões

A disciplina Estatística, integrante do currículo de formação de professores do Ginásio de Jequié, foi ministrada no Curso Pedagógico de modo peculiar, haja vista que essa apropriação foi independente das prescrições legais. Essa prática refletia as discussões da época as quais estavam atreladas às tendências pedagógicas que defendiam a necessidade de psicologizar o ensino.

As disciplinas relacionadas à Estatística abordavam em seus conteúdos o trato da Escola Nova, parecia estar acompanhando o desenvolvimento da psicologia da educação e ao comungar dos ideais dessa tendência voltou-se para os testes de medição da inteligência.

É possível apontar indícios de que os *saberes a ensinar e os saberes para ensinar* do Curso Pedagógico do Ginásio estavam respaldados em algumas concepções da escola nova,

sobretudo pelo fato de que o curso se desenvolveu em um período em que este ideário ainda se fazia presente nas práticas educativas e nas discussões e propagações didático-pedagógicas.

Em suma, podemos deduzir, assentados nos registros relacionados ao ensino de Matemática, que constam nas listas de pontos e nos diários de classe das disciplinas relacionadas a Estatística, no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié, desde aspectos próprios da estatística como de administração escolar e psicologia educacional. Os saberes matemáticos se fizeram presentes tanto em termos conceituais como na definição de métodos para critérios de classificação dos alunos alavancados pelo desenvolvimento da psicologia educacional, e foram valorizados também nos quesitos de administração escolar, reiterando que a escola nova também perpassava tais determinações.

Conhecer um pouco sobre o ensino de Estatística no Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié ajuda-nos a compreender como o ensino de Matemática constituiu a história do Ginásio de Jequié e como esses saberes contribuíram para a formação das normalistas que futuramente iriam atuar no ensino de Matemática e nas demais disciplinas.

Assim, podemos interpretar que a relevância da Estatística do Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié vincula-se em grande parte à medição da inteligência, aspectos da psicologia educacional muito presente na formação das normalistas.

Referências

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. 5. ed. São Paulo: Educ, 2014. 129p.

ARAÚJO, Émerson Pinto de. **Entrevista** [04 nov. 2017]. Entrevistadora: Marly Gonçalves da Silva (arquivo particular). Entrevista gravada no dia 04 de novembro de 2017, em Jequié-BA, para a pesquisa de Mestrado do PPG-ECFP da UESB.

BASSINELLO, Ieda; SOARES, Marcia Guedes; VALENTE, Wagner Rodrigues. Lourenço Filho e a Matemática da Escola Nova. **Caminhos da Educação Matemática em Revista**, v. 1, n. 1, p. 21-47, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38424172.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRAGA, Sônia Bahiense. **Entrevista** [02 fev. 2018]. Entrevistadora: Marly Gonçalves da Silva. (arquivo particular). Entrevista gravada no dia 02 de fevereiro de 2018, em Jequié-BA, para a pesquisa de Mestrado do PPG-ECFP da UESB.

BRASIL. Decreto-lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei orgânica do ensino normal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 04 jan. 1946. Seção 1, p. 116. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CAMPOS, Paulo Almeida. [Parecer referente ao] Projeto de reorganização do ensino normal da Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro: INEP, v. 29, n. 70, p. 89-101, abr.-jun. 1958.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, IEA USP, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010. Acesso em: 19 jun. 2021.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

FERREIRA, Darcy Andrade. **Entrevista** [15 mar. 2018]. Entrevistadora: Marly Gonçalves da Silva. (arquivo particular). Entrevista gravada no dia 15 de março de 2018, em Jequié-BA, para a pesquisa de Mestrado do PPG-ECFP da UESB.

FONTOURA, Afro do Amaral. **Manual de testes**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, Ltda, 1960. (Biblioteca Didática Brasileira, Série I – a Escola Viva – Vol. 10). 406p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187095>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FRANÇA, Denise Medina. Biblioteca didática brasileira: o manual de testes e as propostas escolanovistas em cursos de formação de professores (1950-1970). **REMATEC - Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Ano 11, v. 23, p. 38-51, set.-dez., 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173648/79-212-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jul. 2021.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da educação**: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOFSTETTER, Rita; SCHNEUWLY, Bernard. Saberes: um tema central para as profissões do ensino e da formação. *In*: HOFSTETTER, Rita; VALENTE, Wagner Rodrigues. (org.) **Saberes em (trans) formação**: tema central da formação de professores. São Paulo: Livraria da Física, 2017. cap. 3, p. 113-172.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, SBHE, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

MESQUITA, Afonso Mancuso de. Os conceitos de atividade e necessidade para a Escola Nova e suas implicações para a formação de professores. *In*: MARTINS, Lígia Marcia; DUARTE, Newton. (org.). **Formação de professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias [on-line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 63-82. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-05.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PEREIRA, Vilma Vieira. **Entrevista** [09 mar. 2018]. Entrevistadora: Marly Gonçalves da Silva (arquivo particular). Entrevista gravada no dia 09 de março de 2018, em Jequié-BA, para a pesquisa de Mestrado do PPG-ECFP da UESB.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Jequié, síntese histórica e informativa**. 2. ed. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda., 2011.

ROSAS, Sílvia Gonçalves Bittencourt Bath. A Matemática nos diversos cursos de formação de Professores primários no Brasil: - sua legislação particular suas peculiaridades locais e seus problemas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO ENSINO DA MATEMÁTICA, 3., 1959, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CADES/MEC, 1959. p. 161-198.

SANGIORGI, Osvaldo. **Matemática e Estatística**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. 254p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135028>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SILVA, Gescielly Barbosa. **A disciplina de psicologia da educação na Escola Normal Secundária de Maringá no período de 1950 a 1970**. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2008.

SILVA, Marly Gonçalves da. **O ensino de Matemática na Formação de Professores na Escola Normal anexa ao Ginásio de Jequié (1954 - 1966)**. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) - Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2019.

SILVA, Martha Raíssa Iane Santana da; VALENTE, Wagner Rodrigues. Da estatística educacional para a estatística: das práticas profissionais a um campo disciplinar acadêmico. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 443-459, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/156549>. Acesso em: 04 jul. 2021.

SOARES, Flávia dos Santos. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Avanço ou Retrocesso?**, 2001. 192 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 109-161.

VALENTE, Wagner Rodrigues. No tempo em que normalistas precisavam saber estatística. **Revista Brasileira de História da Matemática**, Especial n. 1, p. 357-368, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160414/29%20-%20Valente%20-%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Osvaldo Sangiorgi e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 583-613, set.-dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160507>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Oito temas sobre História da Educação Matemática. **REMATEC**. Revista de Matemática, Ensino e Cultura (UFRN), v. 8, p. 22-50, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160384>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Cadernos de professores: da matemática para ensinar para a matemática para ensinar ensinada. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO, 15., 2017, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2017. Disponível em:

http://xvseminariotematico.paginas.ufsc.br/files/2017/03/VALENTE_T3.pdf. Acesso em: 21 jul. 2021. Não paginado.

Fontes históricas

Atas de provas parciais – Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Livro n.º 1, junho de 1954 a janeiro de 1967. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Atas de resultados finais - Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Livro n.º 1, dezembro de 1954 a janeiro de 1967. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Atas de provas finais orais – Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Livro n.º 1, dezembro de 1954 a dezembro de 1957. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Atas de provas finais orais – Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Livro n.º 2, dezembro de 1957 a dezembro de 1960.

Atas de provas finais orais – Curso Pedagógico do Ginásio de Jequié. Livro n.º 3, dezembro de 1960 a dezembro de 1961. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Estatística, 1.ª Série Pedagógico (1961). [Diário de Classe do Curso Pedagógico, Arquivo do Ginásio de Jequié].

Estatística e Administração Escolar, 3.ª Série Normal (1962). [Diários de Classe do Curso Pedagógico, Arquivo do Ginásio de Jequié].

Histórico Escolar de alunas do Curso Pedagógico, Arquivo do Ginásio de Jequié. Aurelita Santana Silva (1959 a 1960); Diva Meira de Melo (1958 a 1959); Edyla Maria Rodrigues Pereira (1963 a 1965); Elza Moura Pinheiro (1959 a 1961); Evanete Sousa de Almeida (1959); Maria Helena Fadigas Barros (1964 a 1966).

Matemática e Estatística, 2.ª Série Normal (1963). [Diários de Classe do Curso Pedagógico, Arquivo do Ginásio de Jequié].

Relatório mensal de Março de 1957. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Relatório dos exames de 2ª época de 1957 e programação de 1958. [Arquivo do Ginásio de Jequié].

Relatório dos exames de 2ª época de 1963 e programação de 1964. [Arquivo do Ginásio de Jequié].